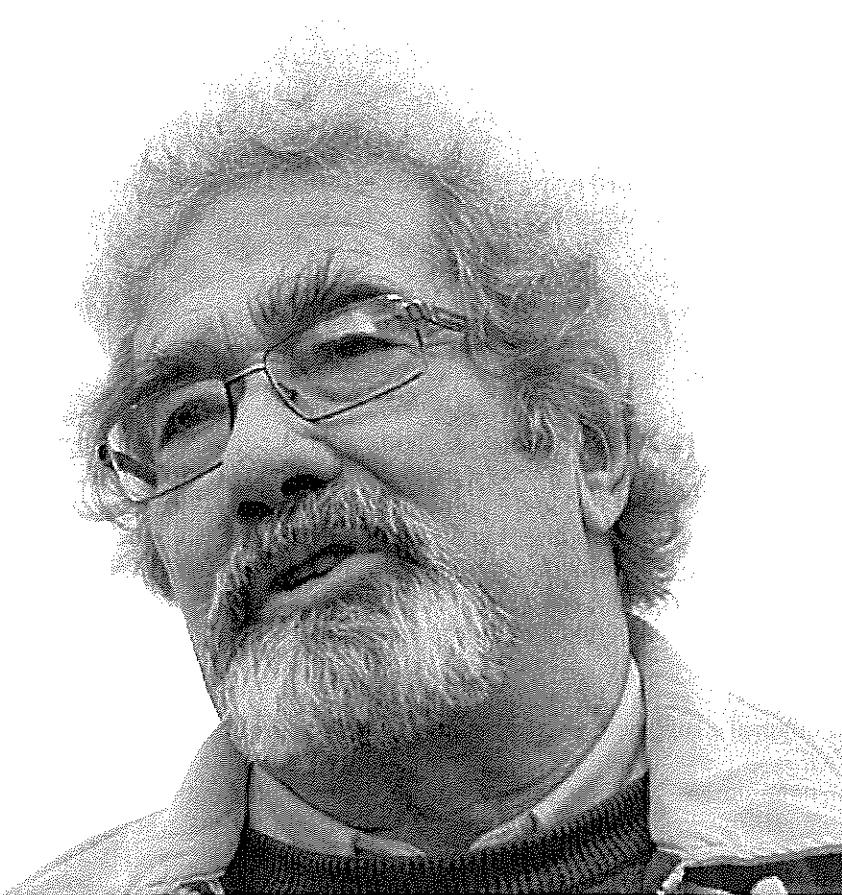


Arqueólogo Cláudio Torres em entrevista sobre os estilhaços da Primavera Árabe

12-09-2014 9:53:18



A fragmentação da Síria e do Iraque. O eternizar da guerra na Palestina. O choque de interesses no Médio Oriente entre a Arábia Saudita, Israel e Irão. A criação do nono Estado Islâmico. A barbárie que todos os dias nos entra em casa pela janela televisiva. A ameaça de ataques terroristas na Europa. E, mais recentemente, a grande campanha de jovens jihadistas pela reconquista do território do Al Andaluz, que corresponde na generalidade à Península Ibérica, são os pontos de partida para esta grande entrevista com Cláudio Torres, arqueólogo, diretor do Campo Arqueológico de Mértola (CAM). Um verdadeiro laboratório sobre o passado árabe na Ibéria que hoje está financeiramente “bastante mal”, embora sempre preparado para “novas aventuras”.

Entrevista Paulo Barriga

Enquanto investigador das culturas do mundo árabe e mediterrâneo, como observa o desmembramento e até a anarquia que se instalou em alguns países, após a chamada Primavera Árabe?

Não creio que seja correto falar do mundo árabe em geral quando nos referimos aos últimos acontecimentos políticos que têm agitado o norte de África e o Próximo Oriente. Se pode ter havido alguma contaminação inicial entre os acontecimentos que eclodiram na Tunísia e, de certa forma, a explosão urbana no Egito, é o único caso que pode servir de exemplo às revoltas incluídas mais tarde na chamada Primavera Árabe. Senão vejamos: a Argélia, apenas emergente de uma longa guerra colonial, continua ainda a manter um equilíbrio precário e onde o fundamentalismo religioso tem sido mais ou menos controlado pelo exército. Marrocos, para já, mantém-se dominado por um regime musculado. O caso da Líbia assemelha-se mais ao que se passou no Iraque e Afeganistão, onde, cavalgando e alimentando descontentamentos populares, foram os interesses petrolíferos a justificar a intervenção estrangeira. Neste caso, onde inicialmente foram criados e fortemente armados grupos de guerrilha fanatizada, estes três países foram praticamente destruídos para que as grandes empresas petrolíferas americanas e inglesas recuperassem o controlo sobre o ouro negro destas antigas colónias que, por acidentes históricos, tinham escapado da sua esfera de influência. A Síria e o Líbano, vistos inevitavelmente em conjunto, são outro caso diferente que está certamente relacionado com as feridas deixadas pela Guerra Fria. Tem sido um campo de batalha entre as grandes potências em que o jogo no terreno tem pertencido à Arábia Saudita e a Israel, por um lado, e ao Irão, pelo outro.

Em termos estruturais, pelo menos em termos culturais, é possível constituírem-se sociedades democráticas, ao jeito europeu, nos países islâmicos da bacia do Mediterrâneo?

Também aqui há casos muito diferentes. A Tunísia, o Líbano e a Turquia que, por razões históricas, estão mais próximos da cultura europeia, já construíram referentes que certamente vão permitir uma melhor assimilação dos chamados valores da democracia ocidental. Os outros países são casos muito diferentes. Ou porque têm, eles próprios, um poderoso mosaico de culturas, como o Irão, a Síria, e o Egito e mesmo os farrapos em que foi retalhado o Iraque. Os casos da Argélia e de Marrocos são parecidos no seu esforço recente de recuperar a sua identidade histórica ligada indissociavelmente à cultura amazigh-berbere.

Hoje em dia quase que existe uma espécie de muro a separar os hemisférios Norte e Sul do Mediterrâneo. De onde advém esta falta de compreensão e de adaptação mútuas entre povos que durante milénios partilharam o mesmo caldeirão cultural?

Historicamente os habitantes das margens norte e sul do Mediterrâneo sempre pertenceram às mesmas famílias e à mesma cultura. Depois do desmembramento do Império Romano e da formação na Europa e no Magreb de vários países, o Mediterrâneo continuou a ser a grande plataforma comum para os intercâmbios comerciais e culturais até aos movimentos militares da Reconquista, a partir do século XII. Sob a capa de um movimento religioso, Roma tenta reconstituir o império assimilando todo o Mediterrâneo e cristianizando o Sul muçulmano. É neste contexto que decorre a Idade Média e que se afirma no Sul, como reverso da medalha, o Império Otomano. A sua derrota nos tempos modernos motiva a ocupação colonial de todo o Sul, transformando todos estes países em simples apêndices da Europa capitalista. A violência desta ocupação é bem patente na Guerra da Argélia que praticamente se arrastou até aos nossos dias. Não podemos esquecer que a ocupação política, económica e cultural de todos estes países pelas potências coloniais, sobretudo Inglaterra, França e Estados Unidos, durou praticamente até aos nossos dias. Não é portanto de admirar que os movimentos de libertação colonial ainda não tenham chegado ao fim.

Estamos a falar de uma barreira cultural e religiosa difícil de transpor, ou o que está em causa, de facto, são razões de ordem económica?

São razões de ordem económica, naturalmente. Só que ainda é muito pesado o envolvimento cultural e sobretudo religioso. O domínio cultural, devido sobretudo à imprensa e televisão, é praticamente absoluto ao contrário do facto religioso que tem vindo a transformar-se numa poderosa arma identitária. O Islão desempenha hoje, no mundo moderno, o papel do cristianismo primitivo na afirmação e sobrevivência de populações humilhadas e escravizadas.

Este novo pseudo-Estado, autodenominado Estado Islâmico do Iraque e do Levante, é para levar a sério? Não só levado a sério, como compreendido e inserido no seu contexto. É a abertura, a porta de acesso ao paraíso tão desejado e esperado. É um sonho, uma esperança para populações desesperadas a quem foram arrancadas as raízes e muitas vezes a própria razão de viver.

As imagens de terror que todos os dias nos entram em casa, mostram uma vertente da humanidade de tal forma bárbara que nos é difícil imaginar sequer que possa corresponder à realidade. Quem é esta gente, o que professam, como apareceram?

É a mesma gente, é a mesma barbárie alimentada e fomentada, por exemplo, no expoente máximo da nossa "civilização tão civilizada" como são os Estados Unidos. Ali vemos e sabemos da mesma violência nas cenas de matar em câmaras ascéticas... apenas mais científica. A mesma gente que em poucos dias massacrou centenas de milhares de mulheres e crianças amontoados num cubículo de território onde não cabe mais ninguém. A violência e a barbárie são, infelizmente, apanágio também da nossa pudica civilização, o que naturalmente não desculpa a violência e a barbárie dos outros, daqueles que, sem vergonha, mostram as únicas armas que possuem.

Estamos aqui a falar de questões religiosas em conflito, entre xiitas e sunitas, ou há outras razões de fundo que são necessárias equacionar?

Quando a Europa estava dividida em duas seitas cristãs – os católicos e os protestantes – dezenas de milhares de habitantes eram diariamente massacrados. Quando nos séculos XVI e XVII milhares de judeus foram expulsos da Europa, apenas os países muçulmanos os receberam e permitiram que habitassem nas suas cidades. Quanto aos sunitas e xiitas, estas duas crenças muçulmanas sempre coexistiram nas terras do Islão. Sem referir, por exemplo, as prestigiadas dinastias fatimidas de cariz xiita, que durante séculos dominaram vários países do Mediterrâneo, lembramos que no Iraque atual sempre conviveram comunidades sunitas e xiitas. Os problemas hoje existentes entre estas duas correntes religiosas foram criados e alimentados pelo facto de o Irão ser xiita. E o Irão é hoje, na região, o inimigo a abater. O único território rico

em petróleo que ainda não é controlado pelas empresas anglo-americanas.

O legado histórico e cultural dos povos do sul na Península Ibérica é em tudo contrário às práticas destes novos jihadistas... Ainda assim, eles dizem-se herdeiros desse passado. Isto faz algum sentido?

O Al Andalus é uma espécie de paraíso perdido para o Islão mediterrânico. Não só por ter sido uma época e um território onde a civilização islâmica atingiu o seu apogeu, como sobretudo pelo facto de ter sido nas cidades andaluzas que foi transmitido à Europa medieval o legado do mundo clássico. É evidente que o atual fundamentalismo e jihadismo islâmicos nada têm a ver com o Al Andaluz, mas comprehende-se que este seja mitificado na imaginação de populações escorraçadas dos seus países como é o caso, por exemplo, dos palestinos.

Há vários filmes e fotografias na Internet que revelam a intenção dos jihadistas, nomeadamente marroquinos, em conquistar o antigo território europeu do Al Andaluz. Estas "ameaças" são para ter em conta?

Na medida em que o mundo ocidental e sobretudo os interesses norte-americanos promoveram e concretizaram o regresso à Palestina de populações europeias e americanas, cuja religião incitava os seus crentes a procurar a terra prometida pelo seu Deus, é possível admitir que haja outras religiões que procurem o seu paraíso mais ou menos perdido. Imaginemos, por exemplo, que os Almóadas marroquinos, que durante o século XII tiveram Sevilha como capital do seu império, vinham hoje tomar posse da cidade andaluza, afirmando que tinham sido ordens divinas?

Pode a Europa estar descansada, pelo menos a salvo, de agressões por parte destes grupos extremistas?

Nunca a Europa ou qualquer outra parte do mundo ficará a salvo de grupos extremistas, sobretudo quando eles são principalmente oriundos e alimentados no seu próprio seio.

O que pode e deve mudar nas políticas externas europeias e americanas quanto ao Médio e Próximo Oriente?

Mudar radicalmente as políticas imperialistas e neocoloniais com que esta região é tratada e explorada no contexto internacional. Estes países já eram civilizados e possuidores de brilhantes civilizações quando a Europa ainda vivia na Idade da Pedra.

Em Portugal, pelo menos nos territórios mais a Sul, é natural existir alguma proximidade em relação aos países ditos árabes. Ainda este fim de semana decorre em Castro Verde um festival denominado "Planície Mediterrânica". São mais as coisas que nos aproximam ou mais as que nos separam destes povos?

Portugal é cortado mais ou menos na região de Coimbra por uma fronteira cultural que separa as regiões mediterrânicas das atlânticas. Portanto, as zonas meridionais do nosso País estão incluídas no Mediterrâneo, onde a maioria da população era muçulmana. Hoje a investigação histórica e arqueológica tem vindo a desvalorizar a invasão militar de 711 como causa da islamização, destacando um imparável movimento de conversões a partir do século X. As nossas identidades com o outro lado do Mediterrâneo devem-se não apenas ao facto de todos nós já termos sido muçulmanos, mas sobretudo por todos pertencermos ao mesmo passado comum de hábitos culturais, de gestos e saberes.

O CAM é, por certo, o maior laboratório sobre o passado islâmico em Portugal. Enquanto grande mentor e diretor do CAM, como observa este extremar de posições na região do Levante e da Assíria?

É com apreensão que todos assistimos a este extremar de posições e sobretudo ao autismo desesperante como os senhores da guerra e do mundo estão a tentar impor os seus modelos, a pisotear brutalmente regiões extremamente fragilizadas, onde vivem populações que sempre conviveram pacificamente e sabiamente com outras crenças e outras línguas. Desde a brutal e inútil invasão do Iraque que os problemas se têm vindo a agravar, estando a atingir um ponto sem retorno.

Há aqui um grande contraste, quase uma negação, entre o legado cultural e artístico que todos os dias vai aparecendo à luz do dia em Mértola e as práticas barbáricas que nos chegam do lado de lá do Mediterrâneo.

Em Mértola, acasos históricos têm permitido que as nossas equipas continuem a trabalhar quase ininterruptamente na procura e salvaguarda de um património histórico e arqueológico que, de certa forma, caracteriza e dignifica não só a nossa região, como também todo o passado histórico do nosso país. Infelizmente, países como a Síria e o Iraque, fundamentais para entender e enquadrar historicamente este

nosso passado, estão a ser arrasados pela mais selvática horda de bárbaros que a história conheceu. Não nos esquecemos que as tropas americanas de blindados se instalaram sobre a mais célebre e mítica cidade da antiguidade: a bíblica Babilónia.

O CAM ainda mantém parcerias internacionais com países do Mediterrâneo? Como decorrem?

A nossa vida, a nossa investigação científica, só têm razão de ser em colaboração cada vez mais estreita com todos os países do Mediterrâneo, sobretudo com os do Magrebe, porque no Próximo Oriente as portas estão a fechar-se. Além de uma boa colaboração com outros centros universitários da Península Ibérica, como as universidades de Coimbra, Évora, Faro, Granada e Sevilha, temos vindo a desenvolver projetos comuns com as universidades de Al Jadida, em Marrocos, Tizi Ouzu, na Argélia, e Manouba, na Tunísia. Têm vindo estagiários e vão continuar a vir. Com estas três universidades magrebinas, os nossos interesses científicos têm vindo a centrar-se no mundo rural, com o objetivo de estudar e localizar as comunidades berberes que já habitavam as nossas zonas montanhosas do Sul, antes da romanização.

Existem financiamentos para dar continuidade aos projetos de investigação?

Infelizmente têm diminuído drasticamente. No entanto, com a boa vontade de toda a nossa equipa, temos conseguido dar seguimento aos projetos em curso.

Como está a saúde financeira do CAM?

Está bastante mal. Não sabemos o que pode acontecer depois de finais deste ano. No entanto a nossa equipa não desiste, preparando-se, como sempre, para novas aventuras.

Estão ultrapassados os “diferendos” com a Fundação para a Ciência e Tecnologia?

Nunca tivemos diferendos. Tivemos, sim, formas diferentes de ver ou proceder a uma avaliação. O nosso trabalho científico de mais de 30 anos não é divulgado em revistas esotéricas apenas lidas por iluminados. A nossa divulgação científica é feita sobretudo em espaços museográficos, através da linguagem museológica acessível a muito mais leitores. Os nossos 16 museus de Mértola são “consumidos” por mais de 30 000 visitantes anuais.